



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPOS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

CÁSSIA FERNANDA DE SOUSA

A ESCRITA CONCEPTISTA SOBRE AS TRÊS VERDADES DE VIEIRA: UMA
ANÁLISE DO "SERMÃO DO BOM LADRÃO"

Picos

2023

CÁSSIA FERNANDA DE SOUSA

**A ESCRITA CONCEPTISTA SOBRE AS TRÊS VERDADES DE VIEIRA: UMA
ANÁLISE DO “SERMÃO DO BOM LADRÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Federal do Piauí – UFPI,
apresentado para obtenção do título de
licenciatura na área de Letras Língua
Portuguesa e Literatura de Língua
Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Feitosa
Pinheiro

Picos

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 18h horas do dia vinte e oito de agosto do ano de dois mil e vinte e três, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof^a. Dra Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **CÁSSIA FERNANDA DE SOUSA** do curso de Letras desta Universidade com o título, **A ESCRITA CONCEPTISTA SOBRE AS TRÊS VERDADES DE VIEIRA: UMA ANÁLISE DO “SERMÃO DO BOM LADRÃO”** A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof^a Dr^a Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora – presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno - 1º examinador) e Prof^a Me Janylle Torres Viana Vieira de Alencar Leite Lima (Examinadora Externa – 2º examinador). Registra-se que a avaliadora externa participou de forma virtual, na sala virtual do Google Meet, através do link <https://meet.google.com/cem-vgue-bwa> . Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0**. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 28 de agosto de 2023.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Prof^a Dra Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Prof^{Dr} Welbert Feitosa Pinheiro
Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Prof^a Me Janylle Torres Viana Vieira de Alencar Leite Lima
Examinadora Externa

A ESCRITA CONCEPTISTA SOBRE AS TRÊS VERDADES DE VIEIRA: UMA ANÁLISE DO “SERMÃO DO BOM LADRÃO”¹

Cássia Fernanda de Sousa²

RESUMO: Compreendendo a literatura como meio de comunicação e arte expressiva sobre contextos sociais, a pesquisa tem como objetivo geral analisar os possíveis efeitos causados no ouvinte/leitor através do contato com o texto literário e sua colaboração para a formação intelectual do homem como indivíduo social. Especificamente os seguintes objetivos: apresentar as características do Barroco literário e analisar a construção textual e sua colaboração com a formação do imaginário, senso crítico e reflexivo do homem. Adotou-se como corpus de análise a escrita conceptista presente no “Sermão do bom ladrão”, de Padre Antônio Vieira, destacando a escola literária barroca e suas principais características. Buscou-se responder ao problema de pesquisa: como a construção do Sermão do Bom Ladrão, de Padre Antônio Vieira, a partir do conceptismo, pode causar efeitos no leitor. Buscou-se apresentar os efeitos de sentido presentes no sermão produzidos pela construção conceptista do texto, apresentar características do barroco literário presentes na escrita de Vieira e analisar a construção do sermão e sua colaboração com a formação do imaginário senso crítico e reflexivo do homem como indivíduo social.

PALAVRAS - CHAVES: Barroco; Conceptismo; Padre Antônio Vieira; Efeitos de sentido.

1. INTRODUÇÃO

Observar a sociedade em que se vive é importante para o próprio convívio social, pois através de tais observações é possível identificar o efeito que o seu próprio discurso pode causar à luz de seus preceitos e conhecimentos literários.

O “Sermão do bom ladrão” (1655) de Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1608-Bahia, 1697) orador cristão pertencente ao Barroco, foi proferido na Igreja da Misericórdia em Lisboa diante de um auditório repleto de ministros de todos os maiores

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, na Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, sob a orientação da Prof^a Cristiane Feitosa Pinheiro.

²Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, Campos Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: cassiasousa179@gmail.com

tribunais da época ligados à corte. Vieira trás através de sua pregação a reflexão sobre a arte de furtar e o contraste que há entre ladrões grandes e pequenos através de seus atos, o autor para discutir sobre tais assuntos discorre sobre contextos sociais passados e da época, trazendo referências teológicas, históricas e filosóficas à luz das Escrituras Sagradas, trazendo como referência bíblica o último ato de Cristo escrito no evangelho de Lucas no capítulo 23, a partir do versículo 42.

O Barroco, em suas principais características em torno da arte, traz a valorização do detalhe, contradições, obscuridade, complexidade dentre outras, tendo no âmbito literário o conceptismo para o auxílio da persuasão, ato esse frequente em textos prosaicos. A prosa barroca está representada em primeiro plano pela oratória sagrada dos jesuítas e tem como nome central o de Padre Antônio Vieira.

Os sermões de Vieira enquadram-se como ensinamentos para a sociedade, adotando, para tanto, o Conceptismo como farol estético norteador. Para entender melhor o propósito textual dos sermões, buscou-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: como a construção do “Sermão do Bom Ladrão”, de Padre Antônio Vieira, a partir do conceptismo, pode causar efeitos no leitor? A obtenção da resposta a esse problema foi possível a partir da análise do sermão com destaque das características barrocas nele presentes e enfoque nas três verdades expostas pelo autor no seu sermão.

O atendimento satisfatório da pergunta de pesquisa se deu a partir da definição de objetivos claros que facilitaram o caminho metodológico a ser seguido, a saber: no objetivo geral buscou-se apresentar os efeitos de sentido presentes no “Sermão do bom Ladrão” produzidos pela construção conceptista do texto. Especificamente, foram eleitos os seguintes objetivos: apresentar características do Barroco literário presentes na escrita de Padre Antônio Vieira, analisar a construção do sermão e sua colaboração com a formação do imaginário, senso crítico e reflexivo do homem.

A pesquisa se justifica por se colocar em destaque a produção de um escritor que foi capaz de representar o conceptismo barroco de forma a se comunicar com seu ouvinte, facilitando a apresentação de conceitos teológicos próprios da comunidade cristã católica, alcançando diversos nichos sociais e culturais, promovendo a formação do imaginário do ouvinte/leitor, seu senso crítico e reflexivo.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico, descritiva e de análise qualitativa que se deu através da leitura de obras que fundamentam o

levantamento do tema abordado embasada nos estudos de Frye (2017), Cândido (2000; 2002), Zumthor (2007), Aguiar e Silva (2004) e Coutinho (1986).

O corpus de análise do presente artigo incide sobre as três verdades apresentadas por Vieira no decorrer dos quatorze capítulos do “Sermão do bom ladrão”, ressaltando sobre o mesmo a característica literária Barroca já citada através da mensagem que o orador repassou para o público da época.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como corpus de análise o “Sermão do bom ladrão”, de Padre Antônio Vieira. Para atingir os objetivos desta pesquisa, buscou-se inicialmente realizar leituras diversas sobre o tema a partir de estudos feitos por pesquisadores diversos em livros, teses e artigos, configurando-se em pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL 2002, p.44).

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir da leitura de matérias, em seus conteúdos discutem e envolvem questões que abordam o tema proposto para a pesquisa fazendo com que o caminho que se pretende traçar se torne mais claro e amplo para a discussão e análise do objetivo proposto. O filtro teórico ancorou-se nos estudos de Frye (2017), Cândido (2000;2002), Zumthor (2007), Aguiar e Silva (2014) e Coutinho (1986).

A pesquisa também se encaixa no contexto da abordagem qualitativa, uma vez que não se pretende quantificar dados, mas analisá-los a partir do contexto social e cultural, identificando possíveis efeitos causados no ouvinte/leitor através da arte literária. Sobre a abordagem qualitativa, Gerhardt e Silveira (2009, p.32) afirmam que: “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”

Em síntese, na análise dos dados, concentrou-se a atenção nos possíveis efeitos do texto literário sobre o leitor/ouvinte, para tanto, destacou-se o papel do conceptismo e o uso da persuasão no “Sermão do bom ladrão” de Padre Antônio Vieira, onde o autor destaca um problema social colocando em pauta a fé e a razão provocando o leitor/ouvinte em um jogo de palavras através de sua retórica.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A literatura está presente em cada momento histórico e cultural de uma sociedade, através dela é possível conhecermos mundos. Frye (2017, p. 33) afirma: "Nenhuma sociedade humana é tão primitiva que não tenha alguma espécie de literatura." Através da expressão dessa arte, podemos perceber as mudanças de uma civilização, ela avança juntamente com conflitos e problemas puramente humanos.

Nos subtópicos a seguir, foi discutida a função que o autor assume para que, através da arte literária, comunique-se e expresse-se à sociedade, envolvendo temas a serem discutidos e suas intenções sob os efeitos de sua escrita. Em seguida, promoveu-se uma discussão em torno da arte barroca como expressão de arte em seu papel comunicativo, com enfoque sobre questões sociais e políticas da época, assim como sobre a escrita conceptista como instrumento persuasivo e colaborador para supostos efeitos sobre o público ouvinte/leitor.

Trazendo sobre esses pontos destacados, a referência de Padre Antônio Vieira como um dos autores da literatura barroca, empregando a escrita conceptista na construção de seus sermões para expressar à sociedade vigente da época, tendo como ponto de análise a mensagem pregada no “Sermão do bom ladrão” e suas intenções e efeitos produzidos através da retórica de Vieira em uma escrita conceptista.

3.1 O papel do autor no uso da arte literária para expressar a sociedade

O autor funciona como um porta-voz para a sociedade, ele é também alguém que sofre tanto quanto os outros indivíduos os problemas ocorridos na sociedade da qual faz parte. Usa a literatura como meio comunicativo para expressar-se em relação aos seus sentimentos e opiniões, demonstrando, através de sua arte, a realidade do seu meio, mesmo que usando símbolos ou analogias para realizar tal feito, devolvendo a realidade ao público para decifrá-la e entendê-la. Conforme Candido (2000, p. 18): “O poeta não

é um resultante, nem mesmo um simples foco refletor: possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver a realidade”.

A literatura é um produto social, pois ela evolui juntamente com a mesma, exprime as condições que transpassam em cada civilização no decorrer dos séculos. O autor, sobre o impulso de uma necessidade interior, toma a posição de intérprete sobre a sociedade, escolhendo temas a serem abordados, formas de como serem expressas e elementos resultantes que agem sobre o meio. Afirma Aguiar e Silva (2014, p. 106): “O mundo é um gigantesco poema, uma vazia rede de hieróglifos, e o poeta decifra este enigma, penetra na realidade invisível e, através da palavra simbólica, revela a face oculta das coisas.”

Cada arte possui uma intenção, uma função em cada uma de suas formas de expressão. Causa efeitos diversos sobre a sociedade, seja na música, no teatro, na dança e dentre outras formas artísticas. A literatura também desempenha o seu papel, exerce uma função psicológica sobre o homem. Como comenta Candido (2002, p. 3).

A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão.

No transcorrer do tempo, tal arte tem sido um instrumento de análise para a compreensão do homem e de suas relações com o mundo, sua linguagem não se constitui fora da história e da experiência do real, dentro de sua especificidade pode desempenhar múltiplas funções, aguçando assim a imaginação do homem, seu senso reflexivo e crítico, melhorando o intelecto.

3.2. O Barroco como plano de fundo: discutindo a estética

Os períodos literários compõem um arsenal que tem a força de apresentar o tempo vivido pelos autores e a sociedade na qual se encontram inseridos, são vozes que expressam o seu meio e o seu tempo, seus acontecimentos, seus problemas, suas guerras, tudo isso articulado na arte de escrever, de comunicar-se. Frye (2017, p.116)

afirma que: “No dia a dia, tal qual na literatura, a forma como nos comunicamos pode ser tão importante quanto o que comunicamos. As palavras que usamos são como as roupas que vestimos”.

O Barroco, estética literária que surgiu em meados do século XVI ao XVIII, na Itália e se espalhou pelos países da Europa e pela América Latina, possui as suas vozes e é caracterizado por uma estética rebuscada, tendo em sua essência o dualismo, a riqueza de detalhes, o exagero, as contradições, a obscuridade, possuindo em seu caráter a capacidade de mexer com o emocional do espectador ao ler, ao ver e ouvir, ao tocar, dominando assim as artes como a arquitetura, a literatura, a pintura e a música.

A arte barroca nasceu em resposta à Reforma Protestante, movimento de cunho religioso que aconteceu na Europa, no ano de 1517 promovido por questões políticas e religiosas. O Barroco surgiu como resposta a este movimento em uma voz contra reformista, expandindo-se como uma arte eclesiástica tendo em sua alma as consequências de um estado de tensão e conflito, exprimindo uma tentativa de reconciliação de dois polos considerados inconciliáveis e opostos: a razão e a fé.

O Barroco no Brasil, entre 1601 e 1768, ocorreu no período colonial. Segundo Coutinho (1986, p. 6), “Foi sob o signo do Barroco definido não só como um estilo de arte, mas também como um complexo cultural, que nasceu a literatura brasileira.”

O barroquismo surge com as primeiras vozes jesuítas trazidas ao Brasil pela Companhia de Jesus. Na literatura barroca, utilizava-se do jogo de palavras para expressar o sentimento da época através de antíteses, paradoxos e interrogações, exercendo papel fundamental na retórica decorrida do próprio sistema educacional vigente, baseada nas famosas literaturas humanísticas através de obras de retóricos clássicos como Aristóteles, Isócrates, Horácio dentre outros.

A tradição retórica conquistou a época como uma sólida corrente de interpretação crítica cujo objetivo principal era ensinar a escrever e falar com persuasão, nascendo ali o homem barroco em suas muitas formas de arte. Coutinho (1968, p. 22) destaca que:

O homem barroco é dotado do *furor ingenii*, pelo qual é levado à egolatria e ao egocentrismo, ao gosto da polêmica, do panfleto, da intriga. Por último, o homem barroco humaniza o sobrenatural, ligando o céu e a terra, misturando os dois planos na sua vida cotidiana, sem que seja preciso deixar de ser pícaro para participar da visão das coisas celestiais.

O autor barroco é dotado de intenções, através de sua escrita produz um discurso que desperta algo em seu público, obtendo em seu conteúdo um assunto de grande força para a discussão, comentado através de vários artifícios para atingir os objetivos esperados, ligando questões sociais e religiosas sem abandonar os preceitos cristãos.

3. 3. O conceptismo: instrumento persuasivo e colaborador para ocasionar efeitos sobre o público/leitor

O conceptismo está entre as tendências usadas na literatura barroca. É caracterizado pela concisão, agudeza de pensamentos, abundância de conceitos e imagens de persuasão racional, dentre outras. Motta (2012, p. 51) comenta:

Em lugar de investir no rebuscamento linguístico, o escritor conceptista procura seduzir o leitor pela construção intelectual, valorizando o conteúdo, a essência da significação. Para deslumbrar o leitor com o desenvolvimento de um raciocínio, o escritor conceptista recorre a comparações ousadas, exemplificações frequentes, metáforas, imagens, hipérboles e analogias.

A escrita conceptista tem como objetivo convencer o leitor, a partir de uma construção intelectual do autor contida no seu cabedal argumentativo. O convencimento é construído na elaboração do discurso persuasivo, o autor usa os artifícios que a tendência conceptista lhe permite usufruir, no intuito de causar deslumbre no público sobre a discussão do tema exposto, nisso vem sendo elaborados vários conceitos em um jogo de ideias alicerçados na intelectualidade do autor para os fins da persuasão. Ferreira (2010, p. 15) explica que:

O persuadir origina-se de persuadere (per + suadere). Per, como prefixo, significa termo ‘de modo completo’. Suadere equivale a ‘aconselhar’. [...] Persuadir contém em si o convencer (cum + vincere) [...] Persuadir: mover pelo coração, pela exploração do lado emocional (as paixões) [...]. Convencer: mover pela razão, pela exposição de provas lógicas [...].

Na elaboração do discurso persuasivo, o autor explora o emocional do seu público, nisso, vai convencendo-o, direcionando-o através de conceitos e provas lógicas para que a mensagem que deseja passar, cause supostos efeitos para a compreensão do teor da mensagem, podendo tratar de temas diversos, envolvendo a sociedade através de seu texto. No Barroco, unem-se duas vertentes: a fé e a razão. Nesse contexto, questões

sociais ganham força para serem discutidas através de textos como poemas, prosa, sermões e outros.

Em um momento de profundas mudanças sociais e políticas envolvendo a igreja Católica, criticando assim, o modo de vida cristão, o conceptismo surge como estilo utilizado na escrita barroca, frequentemente em textos prosaicos no intuito de convencer o leitor e instruí-lo sobre algum propósito gerado, através da retórica em um jogo de ideias e conceitos para os fins da persuasão, pois para fazer a união de duas vertentes aparentemente distintas, foi preciso usar todos os atributos que tal escrita continha para persuadir o leitor/ouvinte no contato com o texto literário.

Levando em consideração todas as características que envolvem a escrita conceptista como a concisão, agudeza de pensamentos, abundância de conceitos e imagens na elaboração textual, que levam a persuasão racional do público, pensando os possíveis efeitos causados no ouvinte/leitor no uso da mesma, e que caminhos são traçados pelo autor para chegar ao ponto central de suas ideias utilizando esse estilo como fio condutor para atingir o seu objetivo através da persuasão, mexendo assim com o emocional do seu público, levando-o a reflexões, opiniões críticas, aguçando a imaginação sobre as imagens e conceitos expostos na elaboração do discurso como supostos efeitos causadores através da escrita conceptista para o crescimento do intelecto humano é que se deu esse propósito de pesquisa.

3. 4. Padre Antônio Vieira: a voz por trás de uma escrita incomparável

Padre Antônio Vieira se destaca nesse cenário literário, dando à estética barroca o seu ponto alto na prosa e tendo um lugar considerável na história das literaturas brasileira e portuguesa. Coutinho (1986, p. 81) afirma: “A identificação do grande jesuíta com o nosso país foi tão íntima e profunda, que, por muito tempo, deu ensejo a dúvida quanto a sua verdadeira nacionalidade.”

Vieira nasceu em Lisboa, em 1608; foi diplomata, teólogo, missionário e orador. Ainda criança veio para o Brasil com sua família, estabelecendo-se na Bahia. Em decorrência da profissão do pai, estudou no colégio dos jesuítas e com quinze anos

ingressou na Companhia de Jesus³, iniciando o seu noviciado. Ensinou retórica para os noviços de Olinda por se destacar com o seu brilho de precoce orador. Em 1633, estreou no púlpito com o sermão “Maria, Rosa Mística” e, no ano seguinte, foi ordenado padre.

Como orador, Vieira se tornou incomparável. Pregou com grande eloquência, para índios, brancos, negros, brasileiros e portugueses, aliando a sua formação como jesuíta e a estética barroca em voga. Seus sermões se tornaram a expressão máxima do Barroco em prosa, direcionados à pregação do cristianismo e às causas políticas de seu tempo. Coutinho (1986, p. 86) declara: “O estilo de Vieira não é, por conseguinte apenas o homem, segundo a definição famosa, mas sobretudo a voz de um homem em cuja inflexões a gama dos sentimentos e das ideias imprimiu um colorido ousado e inconfundível”.

Escreveu uma vasta produção de sermões, ao todo cerca de duzentos dentre os quais estão o “Sermão da Sexagésima” (1655), “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” (1640), “Sermão de Santo Antônio aos Peixes” (1682) e “Sermão do bom ladrão” escrito em 1655, proferido em Lisboa, na Igreja da Misericórdia.

Depois de uma temporada em Portugal, dedicando-se a causas religiosas e políticas, Vieira retornou ao Brasil, empenhando-se na catequização dos índios entre 1653 e 1661, no Pará e Maranhão. Dominava sete idiomas indígenas e defendia os mesmos contra a escravização, motivo esse que levou a sua expulsão do país, retornando a Lisboa.

Foi preso pela Inquisição⁴, entre 1666 e 1667, acusado de praticar heresias por defender a liberdade religiosa, anistiado, viajou para Roma onde foi absolvido pelo papa, em 1675. Voltou para Salvador, em 1681 dedicando-se na pregação do Evangelho através dos sermões.

Faleceu em 17 de junho de 1697, em Salvador, Bahia, deixando um grande legado na história. Sobre Padre Antônio Vieira, Bosi (2013, p. 46) destaca que: “De

³ A Companhia de Jesus cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional.

⁴ Tribunal eclesiástico instituído pela Igreja católica no começo do século XIII com o fito de investigar e julgar sumariamente pretensos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica.

Vieira ficou o testemunho de um arquiteto incansável de sonhos e de um orador complexo e sutil, mais conceptista do que cultista, amante de provar até o sofista, eloquente até a retórica, mas assim mesmo, ou por isso mesmo estupendo artista da palavra”.

No Barroco, a expressão da arte é uma ferramenta onde o autor defende aquilo que acredita de forma magistral. No jogo da persuasão, é inquestionável não afirmar a intensidade de tal movimento artístico com suas características, em seu exagero, em seu rebuscamento e é também inquestionável falar do Barroco sem citar o nome de Padre Antônio Vieira como mestre do texto em prosa, pois falava do sagrado com ousadia, colocando em pauta questões sociais, unindo a razão e a fé, trazendo ao seu público o prazer da imaginação, da reflexão, aprimorando o senso crítico e intelecto humano.

3. 5. O “Sermão do bom ladrão”: um discurso atemporal sobre preceitos cristãos

Padre Antônio Vieira, na produção de seus sermões, abordava sobre problemas sociais de sua época, à luz da Bíblia, no intuito de ensinar e revelar algo para seu público.

No “Sermão do bom ladrão”, o autor trata da corrupção existente nos reinos do mundo, demonstrando mais uma vez o seu vasto conhecimento sobre as questões sociopolíticas colocando em questão o contraste existente entre duas esferas de ladrões presentes na sociedade e as ações errôneas cometidas pelos governos levando em consideração as graves consequências sofridas pela população sob o poder governamental.

O tema abordado se faz atual para os tempos de hoje tornando o conteúdo do texto atemporal. Silva (2021, p. 5) afirma que:

O Sermão do Bom Ladrão representa uma denúncia que servia para a época em que foi escrito. Porém, devido ao teor da escrita, seu efeito dura até os dias atuais. Consequentemente, a obra vem mostrando, ao longo dos anos, a sua força atemporal, uma vez que a mensagem transmitida nele pode ser lida e interpretada tanto na época barroca quanto na época atual.

Vieira utilizava seus artifícios através de sua oratória para trazer o valor dos ensinamentos religiosos, declarando em seu sermão que quanto mais as cortes se distanciavam do zelo e obediência da lei, a corrupção se tornava mais frequente, sendo a

responsável pela decadência e impropriedade da religião. Domingues (2009, p. 140) destaca que:

Segundo Vieira, a distância entre a Corte e os meios de coação da lei contribui, a seu ver, para que o furto ganhe a amplitude e regularidade de uma operação legal. A corrupção, segundo ele, arrasta consigo a alma dos reis fiados em maus ministros para o zelo do Bem Comum. A corrupção é a responsável pela decadência e impropriedade da religião em Portugal, “que tem mais de galanteria do que de fé”. O problema por ele diagnosticado neste período é que a religião deixou de ser um suporte para tornar-se apenas “um ornato de palavras [...]

Sobre o tema abordado em o “Sermão do bom ladrão” e a crítica que o autor faz através da sua escrita, Linhares (2007, p. 104) defende que:

Vieira critica aqueles que usavam a sua função para justificar as suas ações corruptas; para justificar o furto, o assassinato e a espoliação do povo. Ele não pode admitir que o poder absoluto dos reis no campo político-administrativo das nações seja transferido para o campo da ética e da moral.

Portanto, analisar o “Sermão do bom ladrão” de Vieira é colocar em questão os efeitos da linguagem literária sobre o homem, é perceber que o uso da mesma causa efeitos sobre aqueles que a leem de forma intensa, pois o texto barroco possui intensidade, é demonstrar que a literatura expressa a realidade do meio social usando suas características como armas nas mãos de um mestre como Padre Antônio Vieira.

4. A ESCRITA CONCEPTISTA SOBRE AS TRÊS VERDADES DE VIEIRA: UMA ANÁLISE DO “SERMÃO DO BOM LADRÃO”

Padre Antônio Vieira, em o “Sermão do bom ladrão”, relata nos quatorze capítulos do sermão, um fato social que estava ocorrendo em todos os reinos do mundo: que os ladrões estavam levando consigo reis ao inferno. Segundo Vieira (1998, p. 61): “Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo é tanto pelo contrário que, em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno.”

Na primeira parte do sermão, o autor declara que a Igreja da Misericórdia em Lisboa, não convinha com o tema a ser pregado, mas sim com a Capela Real e a majestade que possuía: “Porque o texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à majestade daquele lugar, e nada à piedade deste.” (Vieira, 1998, p. 60). Também

declara que a mensagem que iria pregar desejava que chegasse a todos os reis: “Bem quisera eu que o que hoje determino pregar chegara a todos os reis, e mais ainda aos estrangeiros que aos nossos.” (Vieira, 1998, p.61).

O autor usa como base o texto bíblico que relata a crucificação de Cristo entre dois ladrões e o curto diálogo que Cristo teve com um de nome Dimas. No diálogo, fala-se: “Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino: Hoje estarás comigo no Paraíso.” (Lc 23,42). A partir dessa referência bíblica, Vieira deseja persuadir o seu público apresentando três verdades fazendo sobretudo o uso de uma escrita conceptista: “Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quisera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraíso, senão de os levar consigo.” (Vieira, 1998, p.61).

Sobre o estilo conceptista, discorre González (1977, p. 193): “O conceptismo, antes de mais nada, é um estilo literário, isto é, uma maneira peculiar (predominante em alguns escritores de uma época neste caso) de se criar a obra de arte literária, uma maneira de se combinar elementos verbais selecionados segundo critério sistematizável”.

Nessa vertente a retórica aprimorada é notória. Esse estilo é definido pela construção de ideias, artifícios como comparações e menções de outros textos, imposição de conceitos, referência à natureza dos vocábulos e relações lógicas. É definido também pelo uso de argumentos racionais valorizando o conteúdo textual e tendo como objetivo convencer o leitor através de vários argumentos; não é exagerado em sua escrita, mas é sempre conciso em um jogo de palavras para a persuasão do público. Linhares (2007, p. 67) comenta:

O Conceptismo propõe-se a apreender o objeto, conhecendo-lhe a essência. Para alcançar seu objetivo utiliza-se da inteligência e da razão, muito mais do que dos sentidos. Procura trabalhar numa ordem racionalista, lógica e discursiva, estabelecendo silogismos em torno da vida e das coisas.

O estilo conceptista é comum em textos prosaicos, utilizado por Padre Antônio Vieira para defender a sua linha de pensamento. O autor, em seus sermões, construiu vários argumentos de raciocínio lógico, organizando suas ideias para que o leitor viesse compreender o que o mesmo desejava ensinar. Usava recortes bíblicos em seus sermões e, para fortalecer o que desejava obter através de seus textos, fazia o uso de citações de grandes nomes entre teólogos e filósofos além das escrituras sagradas.

Nas três verdades contidas no “Sermão do bom ladrão”, o autor usa dentre outras características contidas no Barroco literário o conceptismo que destacarei como meio utilizado pelo autor para convencer os seus ouvintes/leitores de suas três verdades, causando assim possíveis efeitos no seu público através da estruturação textual.

Para apresentar tais efeitos, analisarei as três verdades expostas por Padre Antônio Vieira, no decorrer da análise.

4.1. Primeira verdade: o uso das citações para o fortalecimento argumentativo

Iniciando a terceira parte no “Sermão do Bom Ladrão”, Vieira declara de forma direta a primeira verdade para fundamentar o seu discurso, a saber:

E para que um discurso tão importante e tão grave vá assentado sobre fundamentos sólidos e irrefragáveis, suponho primeiramente que sem restituição do alheio não pode haver salvação. Assim o resolvem com Santo Tomás todos os teólogos, e assim está definido no capítulo Si res aliena, com palavras tiradas de Santo Agostinho, que são estas: [...] Se o alheio, que se tomou ou retém, se pode restituir, e não se restitui, a penitência deste e dos outros pecados não é verdadeira [...] (Vieira, 1998, p. 62).

Primeiramente, antes de declarar a sua primeira verdade, o autor se dirige à fundamentação de seu discurso, referindo-se ao mesmo como importante e grave e, sendo feito sobre fundamentos sólidos e irrefragáveis. Ao expor a sua primeira verdade que, “sem restituição do alheio não pode haver salvação”, Vieira cita os seus primeiros fundamentos, alicerçados em dois nomes importantes da área da teologia cristã, Santo Tomás de Aquino⁵ e Santo Agostinho⁶.

A verdade está solidificada na fala desses dois importantes nomes, onde Santo Tomás reafirma tal verdade tirada das palavras de Santo Agostinho, fortalecendo a sua verdade com a citação dos dois grandes teólogos para que sua afirmação não seja somente palavras suas, sem fundamentos e questionáveis, o autor usa o nome das duas personalidades para que seu público perceba que tal verdade já foi afirmada antes nos

⁵ Tomás de Aquino, foi um frade católico italiano da Ordem dos Pregadores cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica, e que, por isso, é conhecido como "Doctor Angelicus", "Doctor Communis" e "Doctor Universalis".

⁶ Aurélio Agostinho de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental.

estudos teológicos, fazendo assim que se dê mais ênfase ao seu discurso, pois não se refere a palavras momentâneas e fora de contexto, destacando assim em seu conteúdo as suas influências e fator social. Candido (2000, p. 14) destaca: “O fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”.

Vieira, desde o início de seu sermão, destaca o fator social como ponto de partida para o seu discurso, destaca a fala de autores que discutiam sobre questões sociais à luz das escrituras sagradas, assim como ele em seus sermões.

A primeira verdade leva o ouvinte/leitor a questionar o porquê do ladrão da cruz ter recebido a salvação sem a restituição. Para essa questão, Vieira usa o seguinte argumento:

Esta única exceção da regra foi a felicidade do Bom Ladrão, e esta a razão por que ele se salvou, e também o mau se pudera salvar sem restituírem. Como ambos saíram do naufrágio desta vida despídos e pegados a um pau, só esta sua extrema pobreza os podia absolver dos latrocínios que tinham cometido, porque, impossibilitados à restituição, ficavam desobrigados dela. Porém, se o Bom Ladrão tivera bens com que restituir, ou em todo, ou em parte o que roubou, toda a sua fé e toda a sua penitência, tão celebrada dos santos, não bastara a o salvar, se não restituísse. (Vieira, 1998, p. 62).

O autor para o esclarecimento do seu público, explica que Dimas em sua extrema pobreza diante de seus crimes, só a sua morte o poderia absolver e por isso, saiu do naufrágio da vida despido e pregado a uma cruz, porém, se o mesmo tivesse bens para a restituição dos seus crimes somente a sua fé e penitência não bastaria para a sua salvação. Como ladrão e cristão, a esse homem faltavam duas coisas que lhe foram supridas:

Como ladrão que tinha sido, faltava-lhe com que restituir; como cristão que começava a ser, faltava-lhe o Batismo; mas assim como o sangue que derramou na cruz lhe supriu o Batismo, assim a sua desnudez e a sua impossibilidade lhe supriu a restituição, e por isso se salvou. (Vieira, 1998, p. 63).

No exposto, Vieira traz uma segunda reflexão na construção do seu jogo de ideias. Vieira (1998, p. 63): “Vejam agora, de caminho, os que roubaram na vida, e nem na vida, nem na morte restituíram.” Padre Antônio Vieira, inicia assim a argumentação da diferença existente entre esferas opostas de ladrões inseridos na sociedade. Para isso, o autor faz uso do contexto bíblico. Cita:

E ainda que ele o não dissera, o estado de um e outro ladrão o declarava assaz. Por quê? Porque Dimas era ladrão condenado, e se ele fora rico, claro está que não havia de chegar à forca; porém Zaqueu era ladrão tolerado, e a sua mesma riqueza era a imunidade que tinha para roubar sem castigo, e ainda sem culpa. (Vieira, 1998, p. 64).

Vieira coloca em pauta que em uma sociedade há uma certa hierarquia até mesmo para ladrões, os pequenos como Dimas, pobre, desafortunado e sem nenhuma posição social é condenado à pena de morte pelos seus crimes. Já Zaqueu, possuidor de muitas riquezas no seu cargo de funcionário do império, era um ladrão tolerado, isento de condenação e de culpa pela sociedade.

Vieira confronta o seu público através dessa declaração, levando o ouvinte/leitor a um raciocínio lógico de que a condenação feita sobre um ladrão se dá primeiramente pela sua posição social, o poder do seu nome e o quanto possui e não pelo crime que cometeu.

O autor coloca em questão o fator moral, contextualizando com o recorte bíblico para defender a sua posição em relação ao assunto discutido. Sobre tal perspectiva, Motta (2012, p. 52) discorre: “O sermão barroco devia demonstrar uma porção moral por meio de uma imagem que, associada a um fato ou a uma citação da Bíblia, pudesse ser um símbolo da posição defendida.”

Tendo essas duas figuras como exemplos, ambas tiveram um encontro com Cristo e ambas receberam a salvação. Dimas através do arrependimento, desnudez e impossibilidade de restituição foi perdoado e salvo de imediato, porém a Zaqueu a salvação só lhe foi concedida após o arrependimento e restituição do alheio, pois tinha com o que restituir e somente sua posição social e a visita de Cristo em sua casa não eram suficientes para lhe ser concedida a salvação:

De sorte que, ainda que entrou o Salvador em casa de Zaqueu, a salvação ficou de fora, porque, enquanto não saiu da mesma casa a restituição, não podia entrar nela a salvação. A salvação não pode entrar sem se perdoar o pecado, e o pecado não se pode perdoar sem se restituir o roubado. (Vieira, 1998, p. 65).

Vieira reafirma a sua primeira verdade no final da terceira parte do sermão, dando-lhe consistência através do viés teológico, fazendo o uso de citações e menção de contextos antigos, levando o seu público a um certo nível de raciocínio sobre a questão discutida. A organização na sua escrita é nítida, o autor vai expondo as suas ideias de

forma coerente a construir o seu argumento para atingir o ponto alto que almeja chegar em seu discurso, afirma a sua primeira verdade sobre o nome de dois grandes teólogos da história e a reafirma sobre o contexto bíblico iniciando o seu argumento sobre dois pontos portadores de autoridade. Linhares (2007, p. 94) discorre que:

Vieira usa todos os recursos disponíveis com o objetivo de provar a sua tese e convencer os seus ouvintes da verdade que ele está proclamando. É conveniente, antes de tecer outras considerações, ter em mente que a principal fundamentação do sermão é o texto das Escrituras, que é o ponto de partida da argumentação. O texto é importante porque é reconhecido pelo pregador e, supostamente, pelos ouvintes como possuidor de autoridade.

Sobre o conteúdo contido no sermão, o autor deseja alcançar um objetivo através da discursão de suas três verdades expostas. Como havia declarado no início do sermão, tem como objetivo persuadir o seu público para que esse se convença da autenticidade da mensagem que deseja ensinar, usa a Bíblia Sagrada como o ponto mais forte em seus argumentos, pois é no conteúdo dela que exporá os assuntos políticos e sociais que deseja tratar, pautando o comportamento moral e ético governamental da época.

4.2. Segunda verdade: a construção argumentativa para o efeito reflexivo, crítico e imaginativo sobre o ouvinte/leitor

Ao declarar sua segunda verdade, na parte IV do sermão, Vieira afirma, que, assim como a primeira verdade citada anteriormente é certa e infalível, a segunda também se faz com a mesma certeza. O autor continua a discorrer sobre a restituição do alheio, trazendo novas questões para que o fundamento de seu sermão se torne a cada etapa mais claro e irrefragável para o seu público, construindo, a partir do seu discurso, ideias que colaboram para aguçar a imaginação e o senso reflexivo e crítico do ouvinte/leitor.

A "imaginação", faculdade "poética", age segundo duas modalidades. Ela parte de uma apreensão, intensamente concreta, do real particular, mas (sem que os tempos nisto se distingam sempre) de uma colocação das coisas e de uma recomposição dos elementos percebidos, em virtude de analogias diversas: da sorte destaca-se, de maneira inesperada, relativamente à exigência do instante presente, a necessidade verdadeira. Quando essa "imagem" reveste a linguagem anima, esta, pronunciando-se a si própria, diz, descobre, cria formas, de outro modo inacessíveis, latentes no que foi um "objeto". (Zumthor 2007, p. 105).

Em sua performance textual, Vieira monta os seus argumentos para atingir o objetivo de sua discussão e, através do seu conhecimento, o autor marca no público as suas verdades:

As regras da performance - com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público - importam para a comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance. (Zumthor, 2007 p. 105).

Vieira, na construção do seu argumento, continua estimulando, assim, também a criticidade do seu público, utilizando artifícios para obter os seus objetivos através da persuasão.

Na sua segunda verdade, declara: “Suposta esta primeira verdade certa e infalível, a segunda coisa que suponho com a mesma certeza é que a restituição do alheio, sob pena da salvação, não só obriga aos súditos e particulares, senão também aos cetros e às coroas.” (Vieira, 1998, p. 66).

Padre Antônio Vieira, ao destacar a segunda verdade, traz a restituição do alheio sob pena de salvação, como algo obrigatório para súditos e particulares, cetros e coroas. Para firmar essa ação como algo inquestionável a se cumprir, o autor explica que se dá por lei, tornando-se, assim, de cunho obrigatório no seu cumprimento:

Cuidam ou devem cuidar alguns príncipes que, assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Enquanto lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e enquanto lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso. (Vieira, 1998, p. 66).

Vieira introduz um novo argumento, expondo um grave engano cometido por alguns príncipes, que por serem superiores a todos, acham-se donos de tudo. Para dar mais certeza a esta afirmação, Padre Antônio Vieira, traz a restituição como lei natural e divina, a natural obrigando os reis a cumpri-la, porque a natureza os fez iguais a todos os homens em sua estrutura humana, sem nenhuma particularidade que os fizessem especiais dos demais, e lei divina, porque Deus os colocou em posição maior que os outros, sendo o Criador maior sobre todos.

Dentro desses critérios, está o grave engano dos reis, ao qual o autor leva o seu ouvinte/leitor à seguinte reflexão: os reis se achando maiores que todos só resplandecem o próprio ego e se achando donos de tudo, só resplandecem o quão grande é sua ganância sobre aquilo que lhe foi concedido por Deus e contra esta lei só existe a prática e o uso dos próprios que não a desejam obedecer.

Para não se limitar apenas em suas palavras, Vieira, usa novamente citações que tratam do mesmo teor para trazer mais autoridade ao seu argumento, cita Santo Tomás, declarando o teólogo como um de seus mestres. Vieira (1998, p. 66): “Mas por parte deste mesmo uso argumenta assim Santo Tomás, o qual é hoje o meu doutor, e nestas matérias o de maior autoridade.”

Sobre a autoridade da fala do teólogo, o autor leva o seu público a mais um ponto de reflexão sobre o grave engano dos príncipes e destaca que:

A rapina ou roubo é tomar o alheio violentamente contra a vontade de seu dono; os príncipes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade: logo, parece que o roubo é lícito em alguns casos, porque, se dissermos que os príncipes pecam nisto, todos eles, ou quase todos se condenariam. (Vieira, 1998, p. 66).

Como resposta, o autor se embasa novamente na fala do doutor.

Respondo — diz Santo Tomás — que se os príncipes tiram dos súditos o que segundo justiça lhes é devido para conversação do bem comum, ainda que o executem com violência, não é rapina ou roubo. Porém, se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é rapina e latrocínio. Donde se segue que estão obrigado à restituição, como os ladrões, e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública, de que eles estão postos por defensores. (Vieira, 1998, p. 66).

A reflexão que Vieira induz o seu público a ter, através das citações, é que o modo como os príncipes tiram dos seus súditos aquilo que é seu por direito não é rapina ou roubo, porque foi tomado o que era de direito para o bem de todos, mesmo que o tenham cometido com violência. Porém, se os príncipes tomam aquilo que não é seu por direito é rapina e latrocínio.

No decorrer das citações é feita a troca dos vocábulos “roubo” e “latrocínio”, onde o significado de roubo é tomar o bem alheio e latrocínio é o ato de roubar cometido com maior gravidade, com feitos que vão além da intimidação da vítima seguido até mesmo de morte ou graves lesões. Vieira direciona o ouvinte/leitor para a

gravidade dos crimes cometidos pelos reis, que quando tomam aquilo que não é seu por direito do povo que deveria reger com diligência, o crime é violento e devastador para todos os oprimidos debaixo de suas mãos, deixando assim as consequências do seu crime sobre a sociedade.

Outro argumento que Padre Antônio Vieira utilizou para expor o erro dos reis fazendo com que sua verdade se tornasse mais clara na mente do seu público, é a colocação do que trata o conteúdo dos textos bíblicos escritos no livro do profeta Ezequiel. Para o autor:

O texto de Ezequiel é parte do relatório das culpas por que Deus castigou tão severamente os dois reinos de Israel e Judá, um com o cativo dos assírios, e outro com o dos babilônios; e a causa que dá, e muito pondera, é que os seus príncipes, em vez de guardarem os povos como pastores, os roubavam como lobos [...] (Vieira, 1998, p. 67).

Acrescenta mais um ponto para tornar o seu discurso incontestável, através do significado do conteúdo do livro bíblico, Vieira demonstra que o ato de furtar é questão antiga, envolvendo reinos, oprimindo o seu povo, é colocando em pauta que a justiça divina é feita de acordo com as ações daqueles que foram colocados no poder para reger e proteger nações, como bons pastores, seguindo assim o exemplo de Cristo, no entanto agem como lobos devoradores, estimulando o senso crítico do seu público sobre as questões políticas e sociais.

Na construção do seu argumento, Vieira coloca outro texto para enriquecer a sua linha de pensamento, desta vez baseado em um diálogo entre um rei e um pirata, aguçando novamente a imaginação do ouvinte/leitor:

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. (Vieira, 1998, p. 67).

O rei, trata-se de Alexandre Magno ⁷e o pirata um ladrão qualquer. O autor coloca em destaque a hipocrisia do rei em seu posto, cometendo o mesmo crime de um ladrão comum, porém com uma grande diferença de como se rouba e do que se ganha de acordo com sua posição social. E, para aperfeiçoar ainda mais a magnitude de tais exemplos, cita Sêneca⁸, filósofo estoico que declara o título e lugar que merece o ladrão, o rei e o pirata cometendo todos o mesmo crime.

Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome. (Vieira, 1998, p. 68).

O rei e o pirata merecem o mesmo título e o mesmo lugar, pois ambos cometem o mesmo crime usando apenas métodos diferentes. A partir do uso das citações sobre contextos bíblicos, históricos e filosóficos, Padre Antônio Vieira vai construindo a significância do ponto alto do “Sermão do Bom Ladrão.”

O autor, na sua construção argumentativa, vai colocando ideia sobre ideia, apontando para o público de que esfera de ladrão deseja tratar, com isso usou artifícios através da sua escrita, organizando os alicerces de sua construção ao expor suas verdades.

As referências de outros autores vão dando credibilidade a sua fala, os exemplos vêm aguçando as reflexões do seu público a imaginação e o senso crítico sobre os fatos, não se limitando apenas às referências bíblicas, mas usando-as como base através de seus argumentos, mostrando as estratégias literárias oriunda do conceptismo como instrumento para alcançar o emocional do indivíduo humano. Sobre este ponto, Frye (2017, p. 19) afirma:

A arte, por sua vez, parte do mundo que construímos, e não do mundo que observamos. Ela começa com a imaginação, e então dirige-se para a experiência comum – isto é, procura fazer-se tão convincente e reconhecível quanto possível. Entende-se daí por que costumamos ver as ciências como

⁷ Alexandre III da Macedônia, comumente conhecido como Alexandre, o Grande ou Alexandre Magno, foi rei do reino grego antigo da Macedônia e um membro da dinastia argéada.

⁸ Lúcio Aneu Sêneca ou Sêneca foi um filósofo estoico e um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano.

racionais e as artes como emocionais: aquelas partem do mundo como ele é; estas, do mundo que queremos ter.”

O autor busca convencer o seu público, causando efeitos que proporcionem uma visão mais clara daquilo que deseja ensinar através do seu sermão, para isso, no manejo da construção textual busca aguçar o imaginário, senso crítico e reflexivo do ouvinte/leitor tendo esses pontos como efeitos para a persuasão.

4.3 Terceira verdade: a retórica de Vieira sobre os objetivos conceptistas inteirados em sua escrita

Em sua terceira e última verdade, na parte V, que assim como as anteriores se faz indispensável para atingir o ponto alto de seu sermão. Padre Antônio Vieira, após apontar a esfera de ladrões que desejava tratar. Declara: “Suponho finalmente que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida.” (Vieira, 1998, p. 68).

A retórica é vista como a arte da eloquência e do bem argumentar. No Barroco são identificadas duas correntes: o cultismo e o conceptismo. Motta (2012, p. 50) discorre:

Ambos buscam, por meios diferentes, um mesmo fim: criar artifícios de linguagem que revelem agudeza (capacidade de dizer algo de modo imprevisto e inteligente). Por esse motivo, os poetas do barroco se esforçaram para criar metáforas, analogias e imagens que pudessem ser vistas como agudezas e engenho (a capacidade de promover correspondências inesperadas entre ideias e conseguir sintetizar um pensamento em “palavras brilhantes”).

Padre Antônio Vieira manejava a arte retórica em seus sermões, usava todos os artifícios necessários para convencer o seu público daquilo que desejava ensinar. Agora, em sua terceira verdade fala diretamente quem são os ladrões aos quais se refere, começando a discorrer sobre o assunto de como tais ladrões são colocados e permanecem em seus postos, continuando a furtar. Para construir o seu argumento, o autor prossegue usando as citações de autores que discorrem do mesmo ponto de vista.

Dentre as citações, faz referência à fala de Salomão⁹, no livro de Provérbios, de São Basílio Magno¹⁰ e de Diógenes¹¹. Sobre a referência bíblica, destaca: "Não é grande furta quando algum furtar porque furta para saciar a sua esfaimada alma (Prov. 6,30) e sobre tal referência, defende que: "O ladrão que furta para comer, não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera" (Vieira, 1998, p. 68).

Na construção do argumento sobre sua terceira verdade, o autor começa a retirar as camadas que de certa forma podem invalidar o seu discurso, agora a sua fala se torna mais sucinta, fazendo-se notória a presença do sarcasmo. Cita, S. Basílio Magno:

Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. — Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam. (Vieira, 1998, p. 69).

Sobre a citação de S. Basílio Magno, anuncia ao público que a esfera de ladrões presentes na sociedade não é algo generalizado, há exceções e tais exceções são as mais perigosas. Merecem também o título de ladrão, aqueles que deveriam governar e administrar de acordo com o cargo que lhe foi dado pelos reis, mas ao contrário roubam já com manha e força como algo costumeiro em seu ofício e estes ladrões, ao contrário dos outros, roubam sem medo do perigo e cometendo os mesmos crimes dão ordem para enforcar os ladrões pequenos por serem eles ladrões tolerados.

Vieira, não está inocentando a esfera de ladrões inferiores, mas afirmando que os ladrões aos quais se refere não são acusados e nem sentenciados pela sociedade no cumprimento da justiça, pelo contrário, dão ordens para matar ladrões, tendo eles o mesmo título pela ação errônea de seus atos. O autor leva o seu público à reflexão da

⁹ Salomão foi um rei de Israel, filho de Davi com Bate-Seba, que se teria tornado o terceiro rei de Israel, governando durante cerca de quarenta anos. Salomão também é o escritor de Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, livros sapienciais da Bíblia.

¹⁰ Basílio de Cesareia, também chamado São Basílio Magno ou Basílio, o Grande, foi o bispo de Cesareia, na Capadócia, e um dos mais influentes teólogos a apoiar o Credo de Niceia.

¹¹ Diógenes de Sinope, também conhecido como Diógenes, o Cínico, foi um filósofo da Grécia Antiga.

gravidade de tais atos, colocando em pauta a moral e ética dessa esfera a qual especifica.

Assentando o seu discurso, o autor continua através de sua retórica a construir ideias. Cita Diógenes, trazendo ao seu sermão mais uma vez uma visão filosófica:

Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar os ladrões, e começou a bradar: — Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. — Ditosa Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se viu Roma ir a enforcar um ladrão, por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um cônsul, ou ditador, por ter roubado uma província. (Vieira, 1998, p. 69).

O autor destaca a coragem e ousadia de Diógenes como pregador, mostrando que o mesmo enxergava com mais agudeza as questões sociais a sua volta, assim como ele naquele momento ao proferir o seu sermão.

Vieira, questiona quantas vezes esses ladrões grandes enforcaram pequenos e permanecem sem receber suas devidas penas pelos seus atos, são esses que levam os reis ao inferno, como afirma no início da parte VI, valorizando o teor de suas citações. Vieira (1998, p. 69): “Declarado assim por palavras não minhas, senão de muito bons autores, quão honrados e autorizados sejam os ladrões de que falo, estes são os que disse e digo que levam consigo os reis ao inferno.”

Padre Antônio Vieira, mostra a estrutura que leva o seu ouvinte/leitor às reflexões e imaginações que ele mesmo induz o seu público a ter, através de sua escrita conceptista. O autor interroga o seu auditório para dar-lhes a resposta, transmitindo a mensagem que ele tinha como intenção argumentar:

Mas se os reis tão fora estão de tomar o alheio, que antes eles são os roubados, e os mais roubados de todos, como levam ao inferno consigo estes maus ladrões a estes bons reis? Não por um só, senão por muitos modos, os quais parecem insensíveis e ocultos, e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhes dão os ofícios e poderes com que roubam; o segundo, porque os reis os conservam neles; o terceiro, porque os reis os adiantam e promovem a outros maiores; e, finalmente, porque, sendo os reis obrigados, sob pena de salvação, a restituir todos estes danos, nem na vida, nem na morte os restituem. (Vieira, 1998, p. 70).

Através da interrogação, retira mais uma camada no ponto alto de seu sermão, descrevendo os muitos modos realizados pelos quais ladrões levam reis ao inferno,

levando em consideração que os mesmos ali presentes por certo já eram conhecedores de todos esses modos aparentemente ocultos.

Para convencer o ouvinte/leitor que os reis, ao assumirem a posição maior nos governos, são responsáveis pela restituição dos roubos feitos por aqueles que foram colocados em cargos elevados pelas e suas mãos e que esses reis deveriam levar ladrões ao Paraíso, seguindo, assim, o exemplo de Cristo. Vieira cita novamente a fala de Tomás de Aquino, dando ênfase à fala de Agamenão¹², que fora rei:

Aquele que tem obrigação de impedir que se não furete, se o não impediu, fica obrigado a restituir o que se furtou. E até os príncipes, que por sua culpa deixarem crescer os ladrões, são obrigados à restituição, porquanto as rendas, com que os povos os servem e assistem, são como estipêndios instituídos e consignados por eles, para que os príncipes os guardem e mantenham em justiça. — É tão natural e tão clara esta teologia, que até Agamenão, rei gentio, a conheceu, quando disse: Qui non vetat peccare, cum possit, jubet. (Vieira, 1998, p. 70).

O rei gentil em sua fala reconhece que, “Quem, podendo, não impede o pecado, ordena-o.” Vieira para demonstrar o teor dessa afirmação começa a usar um contexto bíblico como exemplo, demonstrando a posição de Deus como rei assumindo a culpa daquele ao qual elegeu. O orador discorre que:

Ponhamos o exemplo da culpa, onde a não pode haver. Pôs Deus a Adão no Paraíso, com jurisdição e poder sobre todos os viventes, e com senhorio absoluto de todas as coisas criadas, excepta somente uma árvore. Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma. Enfim, ele e sua mulher — que muitas vezes são as terceiras — aquela só coisa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com ofício, já o temos ladrão. E quem foi o que pagou o furto? Caso sobre todos admirável! Pagou o furto quem elegeu e quem deu o ofício ao ladrão. Quem elegeu e quem deu o ofício a Adão foi Deus: e Deus foi o que pagou o furto tanto à sua custa, como sabemos. (Vieira, 1998, p. 70).

Dando continuidade ao seu exemplo, Vieira, no decorrer de sua fala traz uma interrogação que leva como resposta o exemplo que cada rei deveria ter sobre suas eleições, confrontando, assim, mais uma vez o seu público:

Pois, Senhor meu, que culpa teve vossa divina Majestade no furto de Adão?
— Nenhuma culpa tive, nem a tivera, ainda que não fora Deus, porque na

¹² Agamenão ou Agamémnon foi um dos mais distintos heróis gregos, filho do rei Atreu de Micenas e da rainha Aerope, e irmão de Menelau.

eleição daquele homem, e no ofício que lhe dei, em tudo procedi com a circunspeção, prudência e providência com que o devera e deve fazer o príncipe mais atento a suas obrigações, mais considerado e mais justo. Primeiramente, quando o fiz, não foi com império despótico, como as outras criaturas, senão com maduro conselho, e por consulta de pessoas não humanas, senão divinas. (Vieira, 1998, p. 71).

Trazendo o bom exemplo que os reis deveriam seguir através do texto bíblico. Padre Antônio Vieira, no início da parte VII, presume que mesmo com tal exemplo os reis ainda podem tentar absolver-se das suas culpas sobre os seus atos. Declara:

Mas estou vendo que com este mesmo exemplo de Deus se desculpam ou podem desculpar os reis, porque, se a Deus lhe sucedeu tão mal com Adão, conhecendo muito bem Deus o que ele havia de ser, que muito é que suceda o mesmo aos reis, com os homens que elegem para os ofícios, se eles não sabem nem podem saber o que depois farão? A desculpa é aparente, mas tão falsa como mal fundada, porque Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são. (Vieira, 1998, p. 72).

Retirando toda desculpa aparente através do exemplo discutido. Na parte XII, Padre Antônio Vieira traz outro exemplo, demonstrando como os reis podem levar consigo ladrões ao Paraíso e destaca que:

Grande lástima será naquele dia, senhores, ver como os ladrões levam consigo muitos reis ao inferno; e para que esta sorte se troque em uns e outros, vejamos agora como os mesmos reis, se quiserem, podem levar consigo os ladrões ao Paraíso. Parecerá a alguém, pelo que fica dito, que será coisa muito dificultosa, e que se não pode conseguir sem grandes despesas, mas eu vos afirmo, e mostrarei brevemente, que é coisa muito fácil, e que sem nenhuma despesa de sua fazenda, antes com muitos aumentos dela, o podem fazer os reis. E de que modo? Com uma palavra, mas palavra de rei. Mandando que os mesmos ladrões, os quais não costumam restituir, restituam efetivamente tudo o que roubaram. Executando-o assim, salvar-se-ão os ladrões e salvar-se-ão os reis. Os ladrões salvar-se-ão, porque restituirão o que têm roubado, e os reis salvar-se-ão também, porque restituindo os ladrões, não terão eles obrigação de restituir. Pode haver ação mais justa, mais útil e mais necessária a todos? Só quem não tiver fé, nem consciência, nem juízo, o pode negar. (Vieira, 1998, p. 85).

Vieira mostra, através do exemplo dado, que o modo que os reis devem levar ladrões consigo ao Paraíso não é algo difícil, é algo fácil que gera um grande aumento dos seus bens. O autor declara que, para isso, os reis devem exercer o poder das suas palavras, mas como verdadeiros reis, impondo a justiça sem consentir com os crimes e obedecendo a lei da restituição.

Na parte XIV, do sermão, Vieira encerra o seu discurso na declaração de suas três verdades, sobre as quais, através da retórica, causa efeitos no seu público, levando-o a uma reflexão lógica sobre os fatos discorridos. O autor, persuade através do efeito da reflexão, imaginação e senso crítico na construção do seu sermão, confronta o seu público para a percepção dos problemas sociais e políticos de sua época tendo como base para a regeneração ética e moral os preceitos bíblicos tendo como maior exemplo a ação feita por Cristo na cruz.

Em suas últimas linhas, continua firmemente a defender as suas ideias, encerrando assim, a mensagem pregada. No início da parte XIV, o autor continua a fazer o uso de citações, defendendo novamente o teor do seu sermão e cita. S. Hilário¹³:

Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e parece-me que demonstrado o que prometi, de que não estou arrependido. Se a alguém pareceu que me atrevi a dizer o que fora mais reverência calar, respondo com Santo Hilário: Quae loqui non audemus, silere non possumus: O que se não pode calar com boa consciência, ainda que seja com repugnância, é força que se diga. (Vieira, 1998, p. 89).

O autor resume o conteúdo de seu discurso, lembrando ao seu público a essência de suas verdades, a saber:

Resumindo, pois o que tenho dito, nem os reis, nem os ladrões, nem os roubados se podem molestar da doutrina que preguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados, porque ficarão restituídos do que tinham perdido; está bem aos reis, porque sem perda, antes com aumento da sua fazenda, descarregarão suas almas. E, finalmente, os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudicados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir, ou não: se com tenção de restituir, isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao inferno, e não podem estar tão cegos que não tenham por melhor ir ao Paraíso. (Vieira, 1998, p. 90).

Em suas últimas linhas, antecedendo a sua oração final, Padre Antônio Vieira, deixa a última reflexão para o seu público, tendo como referência uma frase bíblica do livro de Jó, com isso demonstra como cada um dos ladrões crucificados ao lado de Cristo morreram e receberam o destino de suas almas. Vieira (1998, p. 91): “Nu entrei neste mundo, e nu hei de sair dele, dizia Jó, e assim saíram o bom e o mau ladrão. Pois,

¹³ Hilário de Poitiers foi um bispo na cidade romana de Pictávio, atual Poitiers, na Gália, e é um dos Doutores da Igreja. Muitas vezes chamado de "Martelo dos Arianos" e o "Atanásio do ocidente", seu nome vem da palavra grega para "feliz" ou "alegre".

se assim há de ser, queirais ou não queirais, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao Paraíso, que com o mau ao inferno?”.

E, sobre esta interrogativa, Vieira lança a sua última reflexão sobre o seu público, tendo por certo que todos ali já sabiam da resposta correta, pois a construção do seu discurso leva a resposta para este ponto, no qual de forma clara expõe o contexto social vigente e o destino das almas tomadas por suas ações. Padre Antônio Vieira, através de uma escrita conceptista age com persuasão sobre o seu público, tanto ouvintes como leitores através da arte retórica.

Na construção do seu argumento defende suas três verdades, tornando-as sólidas sobre citações e contextos sociais coerentes, dominando a história, a filosofia e a teologia e, por certo, o conhecimento político e social, construindo ideias que levam o público a uma capacidade imaginária, senso crítico e reflexivo apurados sobre o seu meio, capazes de compreender a realidade social e política, tanto em contextos antigos como atuais conduzindo de certa forma também o ouvinte/leitor a fazer uma reflexão crítica sobre si mesmo como ser social e cristão. Sobre a linguagem literária, Silva (2004, p. 138) discorre que: “A linguagem literária não se constitui fora da história e fora da experiência do real”.

Vieira, na construção do sermão, mescla a história com a realidade, usando a arte literária para assumir o papel de porta-voz na sociedade, declarando e ensinando através de seu discurso, mostrando a relevância de tal arte para a construção do intelecto humano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor ao exercer o seu papel, funciona como um porta-voz para a sociedade, descrevendo-a, traduzindo-a, comunicando a mesma através da escrita literária uma mensagem. Por trás de suas palavras há inúmeras intenções e é a partir dessas intenções que o discurso é formado em uma elaboração precisa.

Padre Antônio Vieira assumiu este papel no “Sermão do bom ladrão”, comunicando ao seu público através de sua retórica a mensagem que desejava. Em suas intenções, estava o objetivo da persuasão, realizada através de uma escrita conceptista, usou de vários artifícios para que o público entendesse e se convencessem daquilo que desejava ensinar.

Na elaboração do seu discurso, Vieira causa efeitos no público ouvinte/leitor, tal como a imaginação, senso crítico e reflexivo, aguçando esses efeitos através de uma escrita persuasiva, usando a estética conceptista como fio condutor na produção do texto literário. Tais efeitos colaboram de forma positiva para a formação do intelecto humano, pois através desses é possível entender o seu meio de forma mais clara, lógica e racional.

O efeito imaginativo foi induzido pelo autor para que o ouvinte/leitor captasse de forma nítida o problema discutido, levando-o a enxergar e observar os fatos de outros ângulos, através de imagens criadas sobre contextos diferentes, mas com o mesmo significado interpretativo contido na mensagem central do sermão.

A reflexão surge como resposta à imaginação. Vieira indaga o seu público sobre os conceitos expostos, fazendo um contraste entre a boa moral e ética tendo a pessoa de Jesus Cristo como maior exemplo e a corrupção existente no meio governamental, revelando de forma gradativa ao seu público, o ponto alto de seu sermão.

A criticidade é formada no decorrer de todo o discurso, pois às imaginações e reflexões induzidas pelo autor deram impulso para esse efeito, fazendo o ouvinte/leitor opinar sobre contextos e conceitos antigos, tanto históricos, filosóficos e teológicos, funcionando como uma ponte para a crítica do contexto social vigente e, ao mesmo tempo, pessoal em suas funções sociais e preceitos cristãos.

Diante do que foi discutido, é possível vermos a relevância que a literatura tem sobre a formação do intelecto humano. Padre Antônio Vieira, agindo como porta-voz em sua época, usufruiu da estética barroca e suas características através de uma escrita conceptista para não só transmitir uma mensagem, mas um grande ensinamento para o seu público, acrescentando ao mesmo não só o conhecimento social e político da época, assim como maior agudeza em seu senso imaginativo, reflexivo e crítico na interpretação textual, pessoal e social, causando esses efeitos até hoje através de seus sermões sobre o seu público, colaborando assim para a formação do intelecto humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** In: _____. Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF- Universidade Federal Fluminense, 1986.

DOMINGUES, Beatriz Helena. Antônio Vieira entre o púlpito e a tribuna: algumas reflexões sobre o Sermão do Bom Ladrão e Papel Forte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 170, n. 443, p. (131-153), abr./jun.2009. Disponível em: <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica.** São Paulo: Contexto, 2010. 173 p.

FRYE, Northrop. **A Imaginação educada.** Tradução: Ariel Teixeira, Bruno Geráldine e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GONZÁLES, Mario Miguel. Conceptismo e picaresca em el Buscón de Quevedo. **Língua e literatura**, São Paulo, ed.6, p. (193-198), 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115817>

LINHARES, Esdras Mendes. Padre Vieira, o homem e o discurso: uma leitura do sermão do bom ladrão e do sermão de Santo Antônio aos peixes. **Repositório**

Institucional da Universidade de Maringá (RI-UEM) Maringá PR, f. 143,2007.

Disponível em: <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>

MOTTA, Houston Breno. **A educação estética do homem na obra de Padre Antônio Vieira**. Orientador: Audemaro Taranto Goulart. 2012. f. 146. Dissertação (Mestrado) - Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Rafael Gonçalves. Dois pesos e duas medidas: A atemporalidade do sermão do bom ladrão. **Consciência**, Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre - UEADSL, v.1, n.12, (p. 1-6), 2021. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/18133>

VIEIRA, Antônio. **Sermões Padre Antônio Vieira**. v. 3. Erechim: Edelbra, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. ed. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA

1. Identificação do material bibliográfico:

[] Monografia [X] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Letras língua portuguesa e literatura de língua portuguesa

Centro: CSHWP

Autor(a): Láxia Fernanda de Sousa

E-mail (opcional): camilarousa179@gmail.com

Orientador (a): Cristiane Gutora Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Welbert Gutora Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Janyelle Torres Miana Vieira de Alencar Leite Lima

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: aprovada

Data da defesa: 28 / 08 / 2023

Título do trabalho: A escrita conceitualista sobre as três
Cidades de Vieira: uma análise do "
Sumão do bom ladrão"

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total:

Parcial: . Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos - PI

Data: 02/10/2024

Assinatura do(a) autor(a): Cáimã Guandá de Sousa

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).